

LINGUAGEM & DIÁLOGO

AS IDEIAS LINGUÍSTICAS DO CÍRCULO DE

BAKHTIN

CARLOS ALBERTO FARACO

π
parábola

EDITOR: Marcos Marcionilo

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Andréia Custódio

CONSELHO EDITORIAL: Ana Maria Stahl Zilles [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Univ. de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F2251

Faraco, Carlos Alberto

Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de
Bakhtin / Carlos Alberto Faraco. - São Paulo : Parábola Editorial, 2009.
168p. (Lingua(gem) ; 33)

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-88456-96-9

1. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovitch), 1895-1975. 2.
Linguística. 3. Linguagem e línguas - Filosofia. 4. Literatura
- Estética. I. Título. II. Série.

09-2257

CD0 401

CDU 81'42

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL
Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga
04281-070 São Paulo, SP
pabx: [11] 5061-9262 | 5061-1522 | fax: [11] 5061-8075
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou
transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de
dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-96-9

© do texto: Carlos Alberto Faraco

© da edição brasileira: Parábola Editorial, São Paulo, junho de 2009

Aos confrades Tovich e Giba,
celebrando nossas incontáveis *seratas* bakhtinianas

E a Rosse-Marye Bernardi,
nossa musa bakhtiniana.



(centralizadoras, monologizadoras, que tentam apagar ou submeter a heteroglossia) e forças centrífugas (que resistem à monologização e multiplicam a heteroglossia).

Os enunciados emergem nesse caldo heteroglôssico e nos pontos de tensão entre essas forças. Têm uma face verbal (o dito) e uma face não verbal (o presumido — que amarra a significação do enunciado ao horizonte social amplo, ao alguém da estrutura).

Os enunciados manifestam-se fundamentalmente como uma tomada de posição axiológica, como uma resposta ao já dito. Sua significação comporta sempre esse estrato valorativo. Ela, portanto, não é dada apenas pelo verbal (pela estrutura), mas também pela correlação entre o verbal e os horizontes sociais de valor.

Por outro lado, ao ser dito, o enunciado espera uma resposta. E, ao mesmo tempo, por ser heterogeneamente constituído (o enunciado de um contém enunciados ou fragmentos de enunciados de outrem), está atravessado por uma dialogização interna (a bivocalização — nome que recobre os processos pelos quais mais de uma voz e mais de um acento avaliativo ressoam no mesmo enunciado).

OS GÊNEROS DO DISCURSO

O atual uso inflacionado no Brasil — em especial no discurso pedagógico posterior à reforma do ensino de 1996 — da expressão gêneros do discurso, tendo o texto de Bakhtin como referência, é o que nos motiva a discutir em mais detalhes essa questão. Interessamos, particularmente, expor à crítica certa cristalização do conceito em sua transposição pedagógica.

Não será demais começar por uma breve referência etimológica. A palavra gênero remonta à base indoeuropéia **gen-* que significa 'gerar', 'produzir'. Em latim, relaciona-se com esta base o substantivo *genus*, *generis* (significando 'linhagem', 'estirpe', 'raça', 'povo', 'nação') e o verbo *gigno*, *genui*, *genitum*, *gignere* (significando 'gerar', 'criar', 'produzir',

'provir'), com o qual se relacionam palavras como *genitor*, *primogênito*, *genital*, *genuitura*. Por curiosidade, vale registrar que a palavra germânica *Kind* (criança) remonta àquela mesma base etimológica.

Como se vê, esse segmento vocabular se desenvolve a partir da semântica do processo de gerar (procriar) e dos produtos da geração (da procriação). A utilização do termo gênero para designar tipos de textos é uma extensão da noção de estirpe (linhagem) para o mundo dos objetos literários e retóricos. Assim como as pessoas podem ser reunidas em linhagens por consanguinidade, o mesmo se pode fazer com os textos que têm certas características ou propriedades comuns. A noção de gênero serve, portanto, como uma unidade de classificação: reunir entes diferentes com base em traços comuns.

Parece que Platão foi o primeiro a falar de gêneros quando, no livro III da *República*, divide a mimese (isto é, a representação literária da vida) em três modalidades: a lírica, a épica e a dramática. Aristóteles elaborou, na sequência, dois trabalhos importantes de sistematização dos gêneros: na *Arte retórica*, propôs e estudou três gêneros retóricos (o deliberativo, o judiciário e o epidítico); e, na *Arte poética*, buscou tratar da produção poética em si mesma e de seus diversos gêneros, explorando extensamente as propriedades da tragédia e da epopéia (e, segundo se acredita, da comédia no livro II, totalmente perdido). Esses dois trabalhos de Aristóteles foram referências durante séculos na discussão dos gêneros.

É interessante observar que, na longa história da teoria dos gêneros literários e retóricos, estes foram interpretados muito mais na perspectiva dos produtos do que na dos processos (muito embora — destaque-se — Aristóteles não separasse as formas de suas funções e das respectivas atividades sociais em que ocorriam).

O foco de atenção eram as propriedades formais. Houve, inclusive, em vários momentos, uma forte propensão reificadora e, por consequência, normativa: as características formais dos gêneros foram tomadas como propriedades fixas, como padrões inflexíveis.

Talvez aqui esteja uma das razões para certo abandono da teoria dos gêneros, principalmente a partir da crítica do romantismo a estética clássica.

Fizeram parte do processo de construção da estética romântica o questionamento do modelo do teatro clássico (o chamado modelo das três unidades: espaço, tempo e personagem) e a percepção do anacronismo da epopéia clássica. Nesse sentido, a estética romântica pôs em xeque dois dos mais cultuados gêneros da teoria clássica. Ao mesmo tempo, vivia-se o desenvolvimento do romance, gênero ao qual as teorias tradicionais não forneciam qualquer subsídio analítico e que é ainda hoje motivo de muita polêmica. Pode-se dizer que o romantismo abalou profundamente a teoria clássica dos gêneros e pôs o tema gêneros numa permanente crise.

Em contraste com essa crítica, não deixa de ser surpreendente o uso inflacionado do termo nos últimos anos. A principal referência dessa explosão tem sido o texto *O problema dos gêneros do discurso*, escrito por Bakhtin possivelmente em 1952/1953. Trata-se de um texto inacabado, encontrado entre os papéis do autor e publicado na Rússia pela primeira vez numa coletânea de material de seus arquivos em 1979.

É claramente um fragmento de texto, o que leva os estudiosos a afirmar tratar-se provavelmente da parte inicial de um livro a que o autor pretendia se dedicar, retomando com mais detalhes questões levantadas brevemente naqueles textos do Círculo da segunda metade da década de 1920.

✎ Bakhtin está discutindo, neste manuscrito, caminhos para um estudo da linguagem como atividade sociointeracional e aponta algumas características da unidade deste estudo (o enunciado) em contraste com a unidade tradicional dos estudos linguísticos (a sentença).

Este fragmento de texto está dividido em duas partes. Na primeira, faz-se uma introdução geral do tema, conceituando-se gênero do discurso, distinguindo-se gêneros primários de secundários e correlacionando-se estilo e gênero.

Na segunda, há uma extensa discussão sobre o conceito de enunciado, como unidade da comunicação socioverbal, em contraste com o de sentença, como unidade da língua entendida como sistema gramatical abstrato. Bakhtin está, nesta segunda parte, dialogando criticamente (sem negar-lhe relevância) com a tradição dos estudos linguísticos que se caracteriza por privilegiar o estudo sistêmico (imane) da linguagem verbal e ignorar ou simplificar a realidade linguística enquanto interação social, enquanto práticas sociais de linguagem. E defende novamente a necessidade de constituir duas disciplinas — metodologicamente separadas, mas organicamente combinadas — para o estudo da linguagem:

Mas estes dois pontos de vista sobre o mesmo fenômeno linguístico específico não deveriam ser inacessíveis um ao outro e não deveriam simplesmente ser substituídos um pelo outro mecanicamente. Eles deveriam se combinar organicamente (mantendo, contudo, uma distinção metodológica muito bem definida entre eles) com base na unidade real do fenômeno linguístico.(...)

Parece-nos que um estudo da natureza do enunciado e dos gêneros do discurso é de fundamental importância para superar aquelas noções simplistas sobre a vida do dizer, sobre o assim chamado fluxo da fala, sobre a comunicação, e assim por diante — idéias que são ainda correntes nos nossos estudos linguísticos. Além disso, um estudo do enunciado como a *unidade real da comunicação verbal* tornará também possível compreender mais adequadamente a *natureza das unidades da língua* (como um sistema): as palavras e as sentenças. (p. 66-67)

✎ Poderíamos nos perguntar, neste ponto, sobre o que diferencia a teoria dos gêneros do Círculo de Bakhtin das teorias tradicionais, inclusive para entendermos criticamente a apropriação pedagógica epidêmica de seu conceitual nos últimos anos.

Uma característica daquela teoria é que, diferentemente de outras, ela não pensa os gêneros em si (muito embora seja esta a perspectiva dominante na apropriação pedagógica do conceito), isto é, como conjuntos de artefatos que partilham determinadas propriedades formais.

Os gêneros não são enfocados apenas pelo viés estático do produto (das formas), mas principalmente pelo viés dinâmico da produção. Isso significa dizer que a teoria do Círculo assevera axiomáticamente uma estreita correlação entre os tipos de enunciados (gêneros) e suas funções na interação socioverbal; entre os tipos e o que fazemos com eles no interior de uma determinada atividade social.

ⓧ O ponto de partida de Bakhtin é a estipulação de um vínculo orgânico entre a utilização da linguagem e a atividade humana. Para ele, todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da linguagem. E essa utilização efetua-se em forma de enunciados que emanam de integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.

ⓧ Assim, se queremos estudar o dizer, temos sempre de nos remeter a uma ou outra esfera da atividade humana, porque não falamos no vazio, não produzimos enunciados fora das múltiplas e variadas esferas do agir humano. Nossos enunciados (orais ou escritos) têm, ao contrário, conteúdo temático, organização composicional e estilo próprios correlacionados às condições específicas e às finalidades de cada esfera de atividade.

Em outros termos, o que é dito (o todo do enunciado) está sempre relacionado ao tipo de atividade em que os participantes estão envolvidos. Do mesmo modo, se queremos estudar qualquer das inúmeras atividades humanas, temos de nos ocupar dos tipos de dizer (dos gêneros do discurso) que emergem, se estabilizam e evoluem no interior daquela atividade, porque eles constituem parte intrínseca da mesma.

Fica, assim, claro que, para Bakhtin, gêneros do discurso e atividades são mutuamente constitutivos. Em outras palavras, o pressuposto básico da elaboração de Bakhtin é que o agir humano não se dá independentemente da interação; nem o dizer fora do agir. Numa síntese, podemos afirmar que, nesta teoria, estipula-se que falamos por meio de gêneros no interior de determinada esfera da atividade

humana. Falar não é, portanto, apenas atualizar um código gramatical num vazio, mas moldar o nosso dizer às formas de um gênero no interior de uma atividade.

É com esse postulado da correlação intrínseca entre esferas de atividade e formas de dizer que Bakhtin abre certa perspectiva para estudos do dizer e do agir, do discurso e da atividade, que permite o refinamento de nossa percepção da heterogeneidade e complexidade das práticas de linguagem e das atividades humanas.

Bakhtin conceitua *gêneros do discurso* como os tipos relativamente estáveis de enunciados que se elaboram no interior de cada esfera da atividade humana. Face aos enfoques tradicionais da questão dos gêneros que privilegiavam as formas em si e chegavam a operar normativamente sobre sua reificação, algumas observações são aqui indispensáveis. Ao dizer que os tipos são *relativamente estáveis*, Bakhtin está dando relevo, de um lado, à historicidade dos gêneros; e, de outro, à necessária imprecisão de suas características e fronteiras.

Dar relevo à historicidade significa chamar a atenção para o fato de os tipos não serem definidos de uma vez para sempre. Eles não são apenas agregados de propriedades sincrônicas fixas, mas comportam contínuas transformações, são maleáveis e plásticos, precisamente porque as atividades humanas são dinâmicas, e estão em contínua mutação.

Nesse sentido, as formas relativamente estáveis do dizer no interior de uma atividade qualquer têm de ser abertas à contínua remodelagem; têm de ser capazes de responder ao novo e à mudança. O repertório de gêneros de cada esfera da atividade humana vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Vale a pena, neste ponto, citar o próprio Bakhtin quando discute a questão dos gêneros literários, em *Problemas da poética de Dostoiévski* (p. 106):

Um gênero literário, por sua própria natureza, reflete as tendências mais estáveis, "eternas", do desenvolvimento da literatura. Estão sem-

pre preservados num gênero os elementos imperecíveis da arcaica. E, bem verdade, que esses elementos arcaicos só são preservados nele graças a seu constante rejuvenescimento, isto é, sua atualização. Um gênero é e não é sempre o mesmo, é sempre novo e velho simultaneamente. O gênero renasce e se renova em cada etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de certo gênero. É isso que constitui a vida do gênero. Assim, mesmo os elementos arcaicos preservados num gênero não estão mortos, mas sempre vivos; isto é, os elementos arcaicos são capazes de se renovar continuamente. Um gênero vive no presente, mas sempre tem a memória do seu passado, das suas origens. O gênero é um representante da memória criativa no processo do desenvolvimento literário. Precisamente por isso, o gênero é capaz de garantir a unidade e a ininterrupta continuidade de seu desenvolvimento.

(X) Desse modo, Bakhtin articula uma compreensão dos gêneros que combina estabilidade e mudança; reiteração (a medida que aspectos da atividade recorrem) e abertura para o novo (a medida que aspectos da atividade mudam).

Ele lembra que há gêneros bastante estandardizados como certos tipos de documentos oficiais, ordens militares, cumprimentos e felicitações sociais. Contudo, mesmo estes admitem mudanças, ou seja, estão abertos à adequação às condições concretas de uso. Bakhtin salienta que esses gêneros altamente estandardizados aceitam variações, mesmo que ligeiras, de matizes na entonação expressiva; ou sobre eles podem intervir, por exemplo, o jogo das inflexões, isto é, sua reacentuação pela mudança de esfera de atividade ou sua hibridização (a mistura de gêneros pertencentes a esferas diferentes ou à mesma esfera).

Caracterizando gênero pela estabilidade relativa (admitindo, portanto, sua contínua mobilidade e mutabilidade), Bakhtin lança as bases de uma teoria que abandona (por reconhecer sua impossibilidade) a tarefa tradicional de recortar tipos bem demarcados; de estabelecer uma taxonomia rígida baseada em critérios formais puramente sincrônicos.

É claro que essa nova perspectiva traz uma série de dificuldades para a análise que precisarão ser adequadamente enfrentadas. O próprio Bakhtin diz (p. 61), reconhecendo essas dificuldades: "A extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a consequente dificuldade em determinar o caráter genérico do enunciado não devem ser minimizadas".

Contudo, ele não se propõe fixar o que se move, estancar o que flui, nem estabelecer limites claros para aquilo que é necessariamente impreciso, já que intrinsecamente vinculado à contingência das atividades humanas. A imprecisão dos limites e fronteiras se reforça ainda mais, no texto de Bakhtin, pelo destaque que ele dá, por exemplo, ao fato de que os diferentes gêneros se hibridizam continuamente.

Isso tudo, no entanto, face a certas recorrências de elementos, eventos e ações no interior de cada esfera da atividade, não impede que se reconheçam similaridades e que se gerem tipos relativamente estáveis de enunciados. De certo modo, a dinâmica da tipificação é um processo socialmente construído de gerar significado, baseado no reconhecimento de similaridades e analogias.

No fundo, a idéia da relativa estabilidade leva Bakhtin a antecipar toda uma discussão que se fará posteriormente na teoria social de que as atividades humanas não são nem totalmente previsíveis por modelos pré-dados, nem totalmente casuais. As atividades conhecem recorrência, mas também têm dimensões novas em cada contingência. Para compreendê-las (e para envolver-se nelas de modo significativo), é fundamental estabelecer contínuas inter-relações entre o que recorre e a singularidade; entre o dado e o novo; entre o arquivo e o acontecimento (evento); entre a memória e o momento.

Daí decorre outro aspecto importante dos gêneros do discurso: como tipos relativamente estáveis do dizer no interior de uma esfera da atividade humana, eles cumprem indispensáveis funções socio-cognitivas. Pela sua estabilidade, eles são elementos organizadores das atividades e, por isso, orientam nossa participação em determi-

nada esfera de atividade (eles balizam nosso entendimento das ações dos outros, assim como são referência para nossas próprias ações).

Ao gerarem expectativas de como serão as ações, eles nos orientam diante do novo no interior dessas mesmas ações: auxiliam-nos a tornar o novo familiar pelo reconhecimento de similaridades e, ao mesmo tempo, por não terem fronteiras rígidas e precisas, permitem que adaptemos sua forma às novas circunstâncias.

Nesse aspecto particular, é interessante lembrar que Medvedev, em seu livro *O método formal nos estudos literários* (de 1928), define gênero. Embora tratando especificamente dos gêneros literários, Medvedev levanta questões quanto à relação gêneros/vida social/cognição que podem e devem ser estendidas ao estudo dos gêneros em outras esferas da atividade humana.

Medvedev inicia seu argumento, criticando o pressuposto de que os gêneros são apenas formas. Diz ele (p. 129):

Os formalistas geralmente definem gênero como determinado conjunto específico e constante de dispositivos com uma dominante definida. Como os dispositivos básicos já tinham sido previamente definidos, o gênero foi mecanicamente compreendido como sendo composto desses dispositivos. Dessa forma, os formalistas não apreenderam o significado real de gênero.

E qual seria o “significado real do gênero”? Precisamente a correlação entre formas e atividades. O gênero não deve ser abstraído da esfera que o cria e usa; isto é, abstraído da atividade, de suas coordenadas de tempo-espço, das relações entre os interlocutores. É nesse sentido que Medvedev assevera que o enunciado que se materializa no interior de um gênero é, antes de tudo, um ato sócio-histórico (“Ele ocupa uma posição entre pessoas socialmente organizadas de alguma forma”, p. 131).

Desse modo, os gêneros constituem agregados de meios de orientação coletiva à frente da realidade; constituem, em outros ter-

mos, meios de conhecimento situado. São modos e meios sócio-históricos de visualização e conceitualização da realidade (“O processo de ver e conceitualizar a realidade não deve ser separado do processo de corporificá-lo em formas de um gênero particular”, p. 134) que, incorporados pelas pessoas, funcionam como modos e meios de conhecer a realidade e nela orientar-se (“Pode-se dizer que a consciência humana dispõe de uma série de gêneros internalizados para ver e conceitualizar a realidade”, p. 134).

Por outro lado, novos modos de ver e conceitualizar a realidade gerarão novos gêneros ou modificações nos gêneros existentes que, por seu turno, nos permitirão ver a realidade de outro modo:

Novos modos de representação nos forçam a ver novos aspectos da realidade visível, mas esses novos aspectos não conseguem clarear nosso horizonte e entrar nele significativamente se estiverem faltando os novos meios necessários para consolidá-los. Um é inseparável do outro (p. 134).

Tanto para Medvedev quanto para Bakhtin, envolver-se em determinada esfera da atividade implica desenvolver também um domínio dos gêneros que lhe são peculiares. Em outras palavras, aprender os modos sociais de fazer é também aprender os modos sociais de dizer.

Nesse sentido, Bakhtin chama a atenção para o fato de que são muitas as pessoas que, mesmo dominando muito bem a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de dada esfera. Uma pessoa que domina os modos de dizer numa esfera da comunicação cultural (sabe, por exemplo, dar uma aula, travar uma discussão científica, elaborar um tratado filosófico, escrever um poema), pode se sentir pouco à vontade em outra: calar-se ou então intervir de maneira muito desajeitada numa conversa social ou numa assembléia de sindicato.

Segundo Bakhtin, isto ocorre não por causa de uma pobreza de domínio gramatical ou de vocabulário, mas de uma in experiência no

gêneros
primários
e secundários

domínio do repertório dos gêneros da conversa social ou da prática sindical; de uma falta de conhecimento vivido do que é o todo do enunciado nessas circunstâncias.

Ele afirma, então, que adequamos sempre nosso dizer às formas típicas dos enunciados numa determinada atividade (falamos e escrevemos em gêneros; eles orientam nosso dizer) e aprendemos a dizer assimilando essas formas típicas no interior da mesma atividade.

Por fim, é necessário lembrar que Bakhtin, para iniciar o balizamento do estudo dos gêneros, propõe uma primeira grande classificação deles em primários e secundários. Os primeiros são os gêneros da vida cotidiana (em geral, embora não exclusivamente, orais). Constituem-se e se desenvolvem em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea e estão em relação direta com seu contexto mais imediato. Trata-se dos gêneros da conversa familiar, das narrativas espontâneas, das atividades efêmeras do cotidiano.

Os segundos aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais elaborada (em geral, mas não necessariamente, escrita). São os gêneros que se geram e se usam nas atividades científicas, artísticas, políticas, filosóficas, jurídicas, religiosas, de educação formal e assim por diante.

É importante destacar, porém, que Bakhtin não entende esses dois tipos de gêneros como duas realidades independentes, mas como interdependentes. Nesse sentido, vale reproduzir suas palavras (p. 62):

Durante o processo de sua formação, eles absorvem e digerem vários gêneros primários (simples) que tomaram forma na comunicação verbal imediata. Esses gêneros primários se alteram e assumem um caráter especial quando entram nos mais complexos. Perdem sua relação imediata com a situação concreta e com os enunciados concretos dos outros. Apenas no plano do conteúdo do romance é que, por exemplo, réplicas de um diálogo cotidiano ou cartas encontradas nele retêm sua forma e sua significação cotidiana. Elas participam da realidade concreta somente por meio do romance como um todo, isto é, como um evento artístico-literário e não como um evento da vida diária. O romance como um todo é um enunciado do mesmo modo

que o são as réplicas no diálogo cotidiano ou cartas íntimas (todos têm realmente uma natureza comum), mas diferentemente destas, o romance é um gênero secundário (complexo).

Alem de destacar essa perspectiva não dicotômica, mas de interação entre os dois grandes tipos de gêneros, é importante chamar a atenção para o fato de que, em muitas de nossas atividades, há uma passagem constante do plano secundário para o primário e deste para aquele. Lembremos, por exemplo, de uma conferência no contexto da educação acadêmica. Trata-se de um gênero secundário bastante elaborado no correr da história das atividades acadêmicas, que tem certas formas relativamente estáveis de acontecer, mas que se mescla, durante sua ocorrência, com gêneros primários de vários tipos, como, por exemplo, quando o expositor conta uma piada ou faz uma réplica a uma observação espontânea de um ouvinte, e assim por diante.

Da mesma forma, é interessante observar que a atividade de um camelo anunciando seu produto, que poderíamos classificar como gênero primário por estar diretamente relacionada com a comunicação prática e espontânea do cotidiano, tem muitas vezes um ar de conferência, o que pode servir de exemplo para o fato de que os gêneros secundários também influenciam os primários.

Em síntese, cabe dizer que talvez a apropriação pedagógica da noção de gênero do discurso de Bakhtin tivesse sido mais enriquecedora do que cristalizadora, se suas reflexões tivessem sido entendidas pelo seu caráter inerentemente dinâmico e não tivesse se resumido a submetê-las a uma leitura apenas formal dos gêneros.

ESTILO

Como mencionamos acima, Bakhtin, ao discutir o conceito de gênero do discurso, estabeleceu uma vinculação entre gênero e estilo. É interessante, então, fazermos um breve comentário sobre algumas das discussões sobre estilo que encontramos nos textos do Círculo,

em especial considerando o quase total esquecimento dos estudos estilísticos no contexto dos estudos linguísticos mais recentes.

Não é difícil entender os porquês da marginalização desses estudos na segunda metade do século XX, se lembrarmos o domínio hegemônico na linguística da perspectiva estrutural sincrônica. Nela não há muito espaço — pelas próprias opções de saída (isto é, o recorte saussuriano entre *langue* e *parole* e suas diferentes configurações posteriores) — para a ação do falante.

O pensamento sistêmico, em seus vários modelos, de certa forma, exclui o sujeito falante como elemento teórico pertinente; ou, para aproveitar por extensão a metáfora do gene egoísta da biologia (Dawkins), transforma-o no servo da estrutura egoísta (a *langue*).

A estilística — ao se definir como o estudo do estilo e ao entender, em boa parte de suas formulações, o estilo como o espaço do uso individual da língua (na esteira do pensamento saussuriano); ou como o espaço da expressão subjetiva criativa (na perspectiva do idealismo linguístico) — só poderia ficar mesmo à margem da trilha hegemônica da linguística oficial e, por consequência, receber até a pecha de estudo sem efetiva dimensão científica. Restou-lhe, de certo modo, contentar-se em ser colocada como a herdeira da velha retórica e em se ocupar com aspectos linguísticos de textos literários em que, por suposição, está mais visível a individualização da língua.

Delimitando como objeto o estilo, entendido, *grosso modo*, como o arranjo do dizer pelo falante, a estilística oscilou, desde seus primeiros formuladores, entre dois pólos: ou o estilo é entendido — na esteira do trabalho de Charles Bally — como a atualização individual do sistema (e, nesse sentido, ele já está contido na *langue*); ou o estilo é — na esteira do idealismo linguístico (Croce, Vossler, Spitzer) — a expressão criativa do psiquismo individual.

Se no primeiro polo, o falante é devedor das propriedades gerais do sistema; no segundo, o indivíduo, ao manipular os elementos linguísticos, é devedor de sua sensibilidade e criatividade psicoló-

gicas. De um lado, temos, então, uma metodologia que busca se beneficiar do rigor formal das análises estruturais (achegando-se aos fenômenos de estilo, tendo como pano de fundo as potencialidades do sistema); e, de outro, uma metodologia mais interpretativa que, combinando intuição e erudição, faz um rastreamento quase filológico do assumido como absolutamente individual. Se, no primeiro caso, o quadro de referência é o apriorismo do sistema; no segundo, é a ação criativa puramente individual do falante (estando subjacente aqui a recusa dos apriorismos racionalistas).

Qualquer que seja o polo, a estilística está sempre atravessada, por força de seu recorte, pelo eixo da individualidade: a discussão dos fenômenos estilísticos se faz pelo viés do falante que usa ou cria a língua. Por outra parte e por consequência, é difícil os estudos estilísticos fugirem de um pressuposto geral de que a atividade estilística do falante envolve gestos de escolha, de seleção, seja entre as alternativas fornecidas pelo sistema como tal, seja entre diferentes possibilidades de criação expressiva.

É interessante observar que nuances e refinamentos serão progressivamente introduzidos no escopo da escolha. Assim, a elaboração do conceito de norma (que é, *grosso modo*, um processo teórico de estratificação da noção de *langue*) permitiu construir-se uma estilística que vai entender estilo como desvio, isto é, o falante escolhe escapar do “normal”.

Ainda mais: os estudos da variação linguística — ao recobrirem outras dimensões da estratificação da linguagem: aquelas condicionadas por critérios geográficos, sociais e/ou contextuais — apontam para outro espaço em que se pode operar escolhas e para as muitas variáveis que interferem nesses gestos estilísticos.

Se, de um lado, pela sempre crescente percepção da complexa estratificação da linguagem, a escolha estilística vai deixando de ser reduzível a um único espaço (o do sistema); de outro, o imbricamento, percebido por caminhos teóricos cada vez mais densos, de variáveis geográficas, sociais, contextuais, históricas com variáveis

linguísticas vai esgarçando o desiderato idealista (a quimera?) de reduzir a expressão à atividade puramente individual.

Podemos afirmar que Bakhtin e seu Círculo estão entre os autores que melhor perceberam essa questão de fundo. Já na década de 1920, eles criticavam o idealismo linguístico por querer constituir o psiquismo individual como a fonte de toda a língua, mostrando que sem uma orientação social de caráter apreciativo (axiológico) não há atividade mental.

Ao mesmo tempo, mostravam que o conceito de sistema abstrato de formas normativas (a *langue* saussuriana), se fecundo para certos fins, era insuficiente para dar conta da enunciação e da significação linguística, realidades eminentemente sociais.

Em decorrência dessas críticas e da construção de outro modo de conceber a linguagem (nem só sistema abstrato, nem só expressão individual), Bakhtin e seu Círculo discutem extensamente, em diferentes trabalhos, temas ligados à estilística.

Isso, à primeira vista, poderia parecer paradoxal em estudiosos que enfatizam as dimensões sociointeracionais da linguagem. Contudo, embora pensadores de persuasão sociológica, escapam, como vimos no capítulo anterior, de um determinismo absoluto do social. A riqueza de seu conceitual está em nos obrigar a pensar não por dicotomias (o individual X o social) ou pelo hiperdimensionamento de um dos pólos, mas por uma intrincada dinâmica em que todo falante, sendo uma realidade sociosemiótica, é ao mesmo tempo único, singular, e social de ponta a ponta.

Não há contradição nisso. E a chave que lhes permite unir, no falante, a dimensão de ser único com a dimensão de ser inteiramente social é, como destacamos anteriormente, a forma como encaram a linguagem. Ao assumirem a linguagem como uma realidade social infinitamente estratificada, abrem espaço para o individual (e, portanto, para estudos estilísticos). A singularidade vai poder se materializar nos incontáveis e mesmo imprevisíveis contatos e in-

terseções das inúmeras vozes sociais que participam da constituição contínua do psiquismo e nele ressoam e se entrecruzam numa espécie de moto perpétuo dialógico (cf. Evans).

É por esse caminho que poderemos entender a argumentação daqueles autores segundo a qual a elaboração estilística da enunciação é uma atividade de seleção, de escolha individual, mas de natureza sociológica, já que o estilo se constrói a partir de uma orientação social de caráter apreciativo: as seleções e escolhas são, primordialmente, tomadas de posição axiológicas frente à realidade linguística, incluindo o vasto universo de vozes sociais.

Assim, se em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Voloshinov argumenta que a elaboração estilística da enunciação é de natureza sociológica, é em textos como *O discurso no romance* e *O problema dos gêneros do discurso* (de Bakhtin) e *As fronteiras entre a poética e a linguística* e *A estrutura do enunciado* (de Voloshinov) que essa questão adquire contornos mais precisos.

Ao articular sua teoria do romance, por exemplo, Bakhtin mostra como, diante desse gênero literário, a estilística tradicional — ao compreender o estilo, “no espírito de Saussure: como uma individualização da língua geral (no sentido de um sistema de normas linguísticas gerais)” — (*O discurso no romance*, p. 264); ou como “expressão direta e espontânea da individualidade do autor” (p. 267) — vive insuperáveis dilemas exatamente porque ignora a estratificação infinita de cada uma das línguas humanas (a chamada heteroglossia); e a respectiva (e também infinita) dialogização que atravessa aquela estratificação.

É essa realidade multiforme e complexa que constitui a premissa do gênero romanesco; e “qualquer estudo substancial sobre a vida estilística da palavra deve começar deste fato fundamental” (p. 296).

Nesse sentido,

A consciência linguística socioideológica concreta, quando se torna criativa — isto é, quando ela se torna ativa como literatura — se des-

cobre já cercada pela heteroglossia e, de modo algum, por uma língua única e unitária, inviolável e incontestável. A consciência linguística literariamente ativa em qualquer tempo e lugar (isto é, em todas as épocas literárias historicamente acessíveis a nós) encontra uma pluralidade de "línguas" e não uma língua. A consciência se acha inevitavelmente face à necessidade de ter de escolher uma dentre elas (p. 295).

Essa noção de escolha no espectro da infinita estratificação social da linguagem — que, em *O discurso no romance*, serve para sustentar a tese do autor de que a singularidade fundamental da estilística romanesca está no tipo de combinação de linguagens sociais e de sua dialogização — volta nos outros textos citados, adquirindo, em cada um, novas nuances.

Em *O problema dos gêneros do discurso*, por exemplo, a estratificação social infinita da linguagem é cruzada pela noção de gênero do discurso e assim se estabelece um vínculo indissolúvel entre esta nova categoria estratificante e estilo. Em *A estrutura do enunciado*, Voloshinov faz um breve exercício de análise estilística do romance *As almas mortas* de Gogól a partir do efeito do contexto sobre as escolhas de linguagem; ou, ainda, em *As fronteiras entre a poética e a linguística* em que o mesmo Voloshinov discute extensamente o conceito de 'estilo individual', contrapondo sua concepção sociológica ao psicologismo de Croce-Vossler-Spitzer (parte II) e ao formalismo de V. V. Vinogradov (parte III).

DISCURSO REPORTADO

É compreensível que o fenômeno linguístico concreto mais discutido nos textos de Bakhtin e Voloshinov seja precisamente o discurso reportado, isto é, a presença explícita da palavra de outrem nos enunciados.

Este interesse decorre da própria concepção de linguagem do Círculo, que enfoca a realidade linguística social e a de cada falan-

te como fundamentalmente heterogênea. Desse modo, o tema do discurso reportado (e da bivocalização) emerge naturalmente dos destaques do Círculo à estratificação socioaxiológica da linguagem, a heterogeneidade das vozes sociais (à heteroglossia) e a sua dialogização (à heteroglossia dialogizada), também aos efeitos disso "no processo de formação ideológica do indivíduo" (p. 342) — entendido basicamente como um processo de absorção valorada da palavra de outrem e "na representação artística da palavra de outrem" (p. 350), em especial no discurso romanesco.

Bakhtin, em *O discurso no romance*, se mostra particularmente fascinado pela onipresença, em forma aberta ou velada, da palavra de outrem "nos enunciados de um indivíduo social" (p. 354), desde a réplica do diálogo familiar até as grandes obras verboaxiológicas. No interior de cada enunciado nesta vasta realidade linguística,

Esta se dando uma interação intensa e um embate entre a palavra de um e de outrem, um processo no qual elas se opõem mutuamente ou se interanimam dialogicamente. O enunciado assim concebido é um elemento consideravelmente mais complexo e dinâmico do que quando entendido como simplesmente uma coisa que articula a intenção da pessoa que o pronuncia, caso em que se assume o enunciado como um veículo direto, univocal, da expressão (p. 354).

Ao mesmo tempo, Bakhtin notava que este fenômeno não tinha sido ainda suficientemente estudado e apreciado em sua significação: "Não houve ainda nenhuma apreensão filosófica abrangente de todas as ramificações deste fato" (p. 355), isto é, do fato de que um dos principais temas do dizer humano é o próprio dizer.

Anteriormente, Voloshinov dedicara toda a terceira parte de seu livro à discussão do discurso reportado, deixando bem visíveis as bases de compreensão deste fenômeno pelos membros do Círculo.

Uma das observações principais desse texto é aquela que diz (p. 144) ser o discurso reportado tanto uma enunciação **na** enunciação como uma enunciação **sobre** outra enunciação. Em outras palavras, para Voloshinov, o discurso reportado não se esgota na citação, mas

deve ser considerado como um ato que revela também uma apreensão valorada da palavra de outrem — o que nos remete novamente a uma das proposições básicas do Círculo sobre a linguagem, qual seja, sua estratificação socioaxiológica.

Assim, reportar não é fundamentalmente reproduzir, repetir, é principalmente estabelecer uma relação ativa entre o discurso que reporta e o discurso reportado; uma interação dinâmica dessas duas dimensões.

É essa relação que constitui, segundo Voloshinov (p. 148), o “objeto verdadeiro da pesquisa”, porque o discurso reportante e o reportado “só têm uma existência real, só se formam e vivem através dessa inter-relação, e não de maneira isolada”. Ou, em outras palavras, entre os dois discursos estabelecem-se relações dialógicas e eles se formam e vivem nessas relações.

Assim, para Voloshinov, o erro dos pesquisadores que se ocuparam com as formas de transmissão do discurso de outrem é ter sistematicamente divorciado o discurso reportado de seu contexto de transmissão. Este contexto envolve não só as sequências verbais que incluem o enunciado de outrem, mas também os fins específicos com os quais se dá a transmissão (narrativa, processos legais, polêmicas científicas etc.); e, além disso, envolvem também a(s) terceira(s) pessoa(s), isto é, a(s) pessoa(s) a quem se destinam as sequências bivocalizadas, que condicionam, efetiva ou virtualmente, ajustes no dizer.

Voloshinov deixa claro que, na análise, não interessa apenas observar esses elementos em si e reduzidos ao evento empírico de sua ocorrência, mas principalmente tomar esse evento como indicador de tendências básicas da recepção ativa do discurso de outrem em determinada formação social. Caberia, por exemplo, analisar nessa perspectiva as diferentes atitudes sociais frente aos mais diversos discursos e como elas se expressam nos modos de reportar esses discursos.

Voloshinov lembra, nesse sentido, que há verdadeiras hierarquias sociais de valor e que é importante levar sempre em conta a

posição que um discurso a ser reportado ocupa nessas hierarquias, porque elas afetam as formas de transmissão admissíveis.

Accepta-se, por exemplo, atravessar um determinado discurso com réplicas, comentários, polêmicas, isto é, admitem-se, na citação, os diversos tipos do estilo que ele chama (p. 150) de *pictórico* — aquele cuja característica principal é atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem? Ou, para usar a terminologia de Bakhtin, o discurso reportante toma o discurso reportado como palavra internamente persuasiva? Ou só se aceita citá-lo mantendo a relativa integridade da voz alheia, isto é, só se admitem as diferentes variantes do estilo que Voloshinov chama de *linear* — aquele cuja tendência principal é criar contornos nítidos à volta do discurso citado; aquele que toma o discurso reportado como palavra de autoridade?

Há indícios de mudança nas hierarquias sociais, visíveis, por exemplo, a partir da variação das formas de transmissão? Que efeitos de sentido decorrem da inversão das hierarquias (quando admitida)?

Um bom exemplo para fechar estas considerações são as diferentes relações que nossa cultura mantém atualmente com o texto bíblico. Enquanto no período medieval, este texto foi tomado como palavra de autoridade, hoje há uma total ambivalência em relação a ele. No contexto de organizações religiosas cristãs fundamentalistas, o texto bíblico, assumido como a palavra de Deus revelada, ocupa o ponto máximo de uma hierarquia positiva de valor. Nesse caso, não se admite senão reportá-lo monoliticamente (em estilo linear, portanto), preservando sua integridade.

Em outros contextos sociais, porém, o texto bíblico é recebido como um dentre muitos textos literários. Como tal, ele também está, normalmente, numa hierarquia positiva de valor (como parte do patrimônio literário da cultura), mas não mais tomado como palavra de autoridade. Por isso, admite as mais diversas bivocalizações e ocorre em citações diretas ou em paródias; em citações ironizadas ou estilizadas; e assim por diante.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I — Obras do Círculo de Bakhtin: fontes das citações

— MIKHAIL M. BAKHTIN

- a) *Para uma filosofia do ato* (1919/1921)
Toward a Philosophy of the Act. Translated by V. Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1993.
- b) *O autor e herói na atividade estética* (1920-1923)
Author and Hero in the Aesthetic Activity, in: *Art and Answerability: Early Philosophical Essays* by M. M. Bakhtin. Translated by V. Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1990, p. 4-256.
- c) *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal* (1924)
The Problem of Content, Material, and Form in Verbal Art. In: *Art and Answerability: Early Philosophical Essays* by M. M. Bakhtin, p. 257-325.
- d) *Problemas da poética de Dostoiévski* (1929/1963)
Problems of Dostoevsky's Poetics. Translated by C. Emerson. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- e) *O discurso no romance* (1934-1935)
Discourse in the Novel, in: *The Dialogic Imagination: Four Essays* by M. M. Bakhtin. Translated by C. Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981, p. 259-422.
- f) *Da pré-história do discurso romanesco* (1935-1936)
From the prehistory of novelistic discourse, in: *The Dialogic Imagination: Four Essays* by M. M. Bakhtin, p. 41-83.
- g) *Rabelais e seu mundo* (1946/1965)
Rabelais and his World. Translated by H. Iswolsky. Cambridge: MIT Press, 1968.
- h) *O problema dos gêneros do discurso* (1952-1953)
The Problem of Speech Genres, in: *Speech Genres & Other Late Essays*. Translated by V. W. McGee. Austin: University of Texas Press, 1986, p. 60-102.

- i) Para uma rejeitura do livro sobre Dostoevski (1961)
Toward a Reworking of the Dostoevsky Book, in: *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Appendix II, p. 283-302.
- j) O problema do texto (1959-1961)
The Problem of the Text in Linguistics, Philology, and the Human Sciences: an Experiment in Philosophical Analysis, in: *Speech Genres & Other Late Essays*, p. 103-131.
- k) Resposta a uma pergunta do conselho editorial da 'Novy Mir' (1970)
Response to a Question from the 'Novy Mir' Editorial Staff, in: *Speech Genres & Other Late Essays*, p. 1-7.
- m) Notas de caderno — 1943-1963
De los borradores, in: *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Trad. T. Bubnova. Barcelona: Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997, p. 138-178.
- n) Notas de caderno — 1970-1971
From Notes Made in 1970-71, in: *Speech Genres & Other Late Essays*, p. 132-158.
- o) Para uma metodologia das ciências humanas (1974)
Toward a Methodology for the Human Sciences, in: *Speech Genres & Other Late Essays*, p. 159-172.
- P. N. MEDVEDEV
- a) As tarefas imediatas da ciência histórico-literária (1928)
The Immediate Tasks Facing Literary-Historical Science, in: *Bakhtin School Papers*. Ed. by A. Shukman. Russian Poetics in Translation, Oxford, (10): 75-91, 1983.
- b) O método formal nos estudos literários (1928)
The Formal Method in Literary Scholarship: a Critical Introduction to Sociological Poetics. Translated by A. J. Wehrle. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- V. N. VOLOSHINOV
- a) O discurso na vida e o discurso na poesia (1926)
Discourse in Life and Discourse in Poetry. In: *Bakhtin School Papers*. Ed. by A. Shukman, p. 5-29.
- b) Freudismo (1927)
Freudism: a Critical Sketch. Translated by I. R. Titunik. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- c) As correntes mais recentes do pensamento linguístico no Ocidente (1928)
The Latest Trends in Linguistic Thought in the West, in: *Bakhtin School Papers*. Ed. by A. Shukman, p. 31-49.
- d) Marxismo e filosofia da linguagem (1929)
Marxism and the Philosophy of Language. Translated by L. Matejka & I. R. Titunik. New York: Seminar Press, 1973.
- e) As fronteiras entre a poética e a linguística (1930)
Les frontières entre poétique et linguistique, in: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981, p. 243-284.
- f) Estilística do discurso literário — que reúne os artigos: O que é a linguagem?, A construção do enunciado, A palavra e sua função social (1930)
Literary Stylistics — What is Language?, The Construction of the Utterance, The Word and its Social Function, in: *Bakhtin School Papers*. Ed. by A. Shukman, p. 93-152.

II — Obras do Circulo de Bakhtin em português

- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Y. F. Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da UnB, 1987.

- *Estética da criação verbal*. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- *O problema: um esboço crítico*. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- (VOLOSHINOV, V. N.) *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- *Problemas da poética de Dostoevski*. Trad. P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. A. F. Bernardini et al. São Paulo: Editora da UNESP e HUCITEC, 1988.
- III — Demais obras citadas
- AGUIAR, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- ARISTOTLES. *The Complete Works of Aristotle*. Org.: BARNES, J. Princeton: Princeton University Press, 1984.
- BICHAROV, S. Conversations with Bakhtin. PMLA — *Publications of the Modern Language Association of America*, vol. 109, n. 5, oct/1994, p. 1009-1024.
- BRET, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- BRET, M. What is Man?, in: — *In Between Man and Man*. New York: Macmillan, 1948.
- *Eu e Tu*. São Paulo: Editora Moraes, 1977.
- CASSIRER, E. *A filosofia das formas simbólicas. I — a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASTRO, E. R. de. O irreversível e o apóro, in: BRET, Beth (org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 357-368.
- CHOMSKY, N. *New Horizons in the Study of Language and Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CLARK, K. & HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- EMERSON, C. Introduction: Dialogue on Every Corner, Bakhtin in Every Class, in: MANDELKER, A. (org.) *Bakhtin in Contexts: Across the Disciplines*. Evanston: Northern University Press, 1995, p. 1-30.
- EVANS, F. Cognitive Psychology, Phenomenology, and "The Creative Tension of Voices". *Philosophy and Rhetoric*, vol. 24, n. 2, p. 105-121. The Pennsylvania State University, 1991.
- FEUERBACH, L. *Gesammelte Werke*. Berlin: Akademie Verlag, 1967.
- FRANCHI, C. *Linguagem — atividade constitutiva*. Almanaque, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p. 9-26. Republicado em *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, (22): 9-39, jan./jun. 1992.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HEIDEGGER, M. *Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- *Seminários de Zollikon*. Org.: M. Boss. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 2001.
- HUMBOLDT, W. von. *On Language: the Diversity of Human Language — Structure and its Influence on the Mental Development of Mankind*. (1836), trad.: P. Heath. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- JACOBI, E. *The Main Philosophical Writing and the Novel Allwill*. Montreal & Kingston: McGill & Queen's University Press, 1994.
- *Oeuvres philosophiques de E. H. Jacobi*. Paris: Aubier, 1946.
- JORN E SOUZA, S. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papirus, 1994.
- *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- LAHTENNAKI, M. Voloshinov and Cassirer: on the Relation of Language and Reality, in: ZYLKO, B. (org.) *Bakhtin & his Intellectual Ambience*. Gdansk: Wydawnictwo Uniwersytetu Gdanskiego, 2002, p. 193-204.

- LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MEAD, G. H. *Mind, Self and Society*. (1934) Chicago: University of Chicago Press, 1967.
- PAN'KOV, 'Everything Else Depends on How this Business Turns Out...' — The Defence of Mikhail Bakhtin's Dissertation as Real Event, as High Drama and as Academic Comedy: Part 1. *Dialogism: an International Journal of Bakhtin Studies*. Sheffield, (1): 11-29, 1998; Part 2. *Dialogism: an International Journal of Bakhtin Studies*. Sheffield, (2): 7-40, 1999.
- PLATÃO. *Republic*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.
- PONZIO, A. *Michail Bachtin — Alle origini della semiotica sovietica*. Bari: Dedalo, 1980.
- _____. *Segni e contraddizioni — Fra Marx e Bachtin*. Verona: Bertani, 1981.
- PONZIO, A., CALEFATO, P. & PETRILLI, S. *Fondamenti di filosofia del linguaggio*. Bari: Editori Laterzi, 1994. Trad. br.: E. F. Alves: *Fundamentos de filosofia da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- RAMOS, G. *Angústia*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SOLOMON, R. G. *In the Spirit of Hegel: a Study of G.W. F. Hegel's Phenomenology of the Spirit*. Oxford: Oxford University Press, 1983.
- SOUZA, G. T. *Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999.
- TEZZA, Polyphony as an Ethical Category, in ZYLKO, B. (org.). *Bakhtin & his Intellectual Ambience*. Gdansk: Wydawnictwo Uniwersytetu Gdanskiego, 2002, p. 292-300.
- _____. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- WILLIAMS, G. *French Discourse Analysis: the Method of Post-Structuralism*. London: Routledge, 1999.
- WILLIAMS, R. *Culture and Society — 1780-1950*. London: Chatto and Windus, 1958.
- _____. *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977.